

# DRAMA CORIOZO, ALEGRE, E DOUTRINAL:

*Em que se representa*

O DAMNO DA MULHER APPETITOZA,  
E O RIGOR DO HOMEM PACIENTE.

*Composto na melhor forma de divertir,  
E no melhor methodo de encaminhar.*

PESSOAS, QUE FALLÃO.

*Mulher, Marido, e duas Vezinhas da escada.*

*Viſta de Salla, em que eſtará o Marido ſentado em huma cadeira, e a Mulher paſſeando com aſpecto impaciente, e ambos veſtidos muito familiarmente.*

*Mulb.* **M**arido, iſto ha de ſer, dê no que der,  
Eu eſta tarde os Toiros quero ver,  
Trata de me alugar hum Camarote.

*Marido.* Não tens medo, Mulher, que o Mundo note,  
Gastos deſneceſſários na pobreza?

*Mulber.* Pois que ha de elle notar? Forte deſpeza!

*Marido.* Para os ricos, o muito não he nada,  
Nos pobres, qual quer coiza he eſtranhada.

*Mulber.* Pois póde a huma Mulher cauzar deſdoiros,  
Levalla ſeu Marido a ver os Toiros?

*Marido.* O que dinheiro tem para galtar,  
Nada do que fizer lhe hão de eſtranhár;  
Porém, ſe hum pobre gasta em qual quer feſta,  
Hum cavalleiro fazem d' uma areſta,  
E ſe accazo em galhofas mais atura,  
Põe hum homem zombando á dependura,  
E para ſe eſcapar deſte laibéo,  
Quem eſtá em ſua Caza, eſtá no Ceo.

*Mulher.* Muito me impacienta esse conceito,  
Sempre ó Mundo conservas bem respeito.

*Marido.* Affirmo-te, Mulher, que me confundo,  
Quando os olhos espalho pelo Mundo.

*Mulher.* Pois Eu quando me engolfo em alguns brincos,  
Sempre ao Mundo costume dar dois trincos,  
Obre Eu sem malicia, quanto intente,  
E deixállo fallar té que arrebente

*Marido.* Forte loucura, errado proceder,  
Mas em fim, não te culpo, que és Mulher,  
Pois todas nas paixões em que se empregão,  
Querem o Mundo cegar, e a si se cegão:

Adverte, Mulher, e assim pondera,  
Que o Mundo sempre sobre nós impera,  
E que deveinos por Lei Natural  
Obedecer-lhe. *Mulher.* Não me canço em tal,  
Pois já mais tenho visto algum Letrado,  
Que em semelhante Lei tenha fallado.

*Marido.* O Letrado tão bem vive sujeito  
A esta Lei, por força de Direito.

*Mulher.* Então, que razão tem de não citálla?

*Marido.* A sua obrigação he só guardálla,  
E todos nós, em fim, Mulher, entende,  
Que quem o Mundo agrava, a Deos offende.

*Mulher.* Logo ao seu gosto havemos nós andar?

*Marido.* Senhora, sim, sem mais lhe replicar.

*Mulher.* Mas responde-me a isto? Se huma acção  
Eu, ou tu praticar, e esta não  
Seja de máo sentir, mas innocente,  
Se a olhar o Mundo impertinente,  
Devemos inda que erro se não dá,  
Reprimila? Por que elle a julga má?

*Marido.* Senhora, sim, por que essas apparencias  
São de quem tira o Mundo as consequencias.

*Mulher.* Mas se essas apparencias são erradas?

*Marido.* Supponhamos que são, porém tomadas  
Pelas disposições d' outras iguaes,  
De que se virão já culpas mortaes,  
São o mesmo, que se erro algum ouvésse,  
Por que o Mundo só julga o que parece.

*Mulher.* Confesso, que não vi maior aperto.

*Marido.* Mulher, errar c' o Mundo he grande acerto.

*Mulher.* Será, mas Eu não figo essa possilla.

*Marido.* Eu em quanto viver, hei de seguilla.

*Mulher.* Deixarei cá o meu divertimento,

Pelo Mundo deitar mão pensamento,

Não, por ahi não caminha o meu conceito.

*Marido.* Mas debes caminhar por meu respeito,

Eu teu Marido sou, e a liberdade

Livre não tens, sem que a minha vontade,

O que tu intentares te permitta.

*Mulher.* Essa agora Marido está bonita!

Logo sou Eu o mesmo c' uma ecrava?

*Marido.* Muito peor, por que essa se se agrava

De ter hum cativeiro com rigor,

He Lei, que escolher possa outro Senhor;

Porém, nunca á Mulher he permitido,

Que possa procurar outro Marido;

Assim por esta justa conclusão,

Tem a Mulher maior escravidão.

*Mulher.* Pódes tu dar-me então muita pancada,

E Eu ter a boquinha mui callada,

E aturar-te os tratos, que quizeres?

A muito estão fogueitas as mulheres!

*Marido.* Posso, sim, não te cauze maravilha,

Por que devo educar-te como Filha,

Porém, homem de porte não faz tal,

Se não por algum cazo mui fatal,

Antes deve tão bem ter paciencia

No seu Estado, cuidar no que he decencia,

Ser exacto nos pontos de seus brios,

Reprehender a Mulher os desvarios,

Como esta tolisse, em que profias,

De ir aos Toiros, e outras fantezias,

Que muitas tem, em fim, fazer sem custo,

Que a mulher obre tudo, santo, e justo.

*Mulher.* Pois se a esta função me estás opposto,

Hoje havemos de ter grande desgosto,

Fiz timbre de lá ir, e assim já agora,

Quero tão bem deitar huma cá fóra.

*Marido.* O que dizes Mulher, Eu me confundo,  
Não te informei ha pouco o que era o Mundo?

*Mulher.* Não me importa cá o Mundo, nem Mondego,  
Eu se não vou aos Toiros arrenego,  
Dá-me resposta a isto, que te digo?  
Es cazado c' o Mundo, ou és comigo?

*Mar.* Comtigo, e mais com elle. *Mulb.* D' improviso  
Não fei como não morro já de rizo,  
Ai meu rico Marido, que estás louco.

*Marido.* Soccega-te, Mulher, e attende hum pouco:  
Olha cá, neste vinculo tão forte,  
Já mais inseparavel até á morte,  
Devo ao Mundo por ti satisfazer,  
E por elle comtigo bem viver;  
Logo se a ti, e a elle estou ligado,  
Segue-te, que com ambos sou cazado.

*Mulher.* Não me entendo com essas Filozofias,  
Nem com ellas dos Toiros me desvias,  
Já agora, has de gastar hoje os teus cobres.

*Marido.* Não póde ser, Mulher, que somos pobres.

*Mulher.* Tanto he a nossa pobreza conhecida?

*Marido.* De quantos nos conhecem está sabida.

*Mulher.* He bom saber, mas quero que se saiba,  
He tão grande a façanha, que não caiba  
No possivel do nosso cabedal?

*Marido.* Para ti nem he culpa venial,  
Mas cá no meu sentir, he culpa enorme,  
E por essa razão Eu devo oppor-me.

*Mulher.* Logo quem pobre for vive enterrada?

*Marido.* Não, mas deve evitar ser murmurada.

*Mulher.* Sim, os Toiros ir ver sem que se note,  
só póde quem tem Sege, e Pacabote. *Rindo por mofa.*

*Marido.* Não necessita tanto espalhafato,  
em seja d' alta esfera, ou baxo trato,  
sta que viva sem necessidade,  
ra ter prompta a sua liberdade,  
e, ou n' outro qual quer divertimento.

*Mulher.* Antes Eu fôra Freira d' um Convento,  
que ver-me tão moça, e já cazada,  
do toda a Vida apoquentada,

**Sem ter se quer hum breve passatempo.**

*Mar.* Mulher, não põe Deos tempo, em mudar tempo,  
Como Elle assim o quer, vivo gostozo.

*Mulher.* Não vi homem ainda mais escrupulozo,  
Se fosses Confessor, da tua mão  
Ninguem te apanharia a absolvição;  
Porém, ainda espero, que sem custo,  
Tu venhas a cair no que for justo.

*Marido.* Eu não acho que he justo se não isto.

*Mulher.* Será, porém já mais o tenho visto  
Aos outros praticar, antes Eu vejo  
Todos os mais cazados, que sem pejo,  
Levão sem objecção suas mulheres,  
Aonde nunca tu levar-me queres;  
Pois estes tão bem são homens honrados.

*Marido.* Serão homens dos mais justificados,  
Mas a mim não me importa a vida alhea,  
Para obrar cá segundo a minha idéa,  
Poderá isto ser impertinencia,  
Mas cada hum da sua consciencia  
He só Juiz, e deve com cautella  
Em pura rectidão satisfazélla.

*Mulher.* Tens huma consciencia muito austéra.

*Marião.* Assim a deve ter quem bem pondera.

*Mulher.* Pois se ponderas bem, vê se alguém ha  
Aqui da nossa Rua, que não vá  
Aos Toiros esta tarde, ora pondera,  
Já que fazes de Eu ir tanta quimera:  
Vai a pobre Vezinha aqui da escada,  
Que não tem cinco reis para huma pada,  
Chea de Filhos, chea de trabalhos,  
E mais o seu Marido não dá ralhos,  
E sem querer em nada ser-lhe opposto,  
A leva aos Toiros muito por seu gosto.

*Marido.* Por essas mesmas coizas, que te ouvi,  
Não devo dar-te liberdade a ti.

*Mulh.* Pelo que? *Mar.* Por que o Mundo sem cautella,  
De ti não diga, o que tu dizes della.

*Mulher.* Pois deixállo dizer, forte papão,  
Já o Mundo tardava, ainda não

Perseguido te vi de algum combate,  
 Que o Mundo não tivesse de remate:  
 Coitadinha de mim, Eu arrebento,  
 Não espero já ter contentamento,  
 Quanto mais me valera já morrer;  
 Com que cara hei de á gente apparecer,  
 E que vergonhas não hei de Eu passar!  
 Quando ouvir ás amigas conversar  
 No que esta tarde virão lá na Praça!  
 Parece-te, Marido, que isto he graça?  
 Sair huma dalli: Fôrão vistozos  
 Os Toiros de Domingo, mais fogozos  
 Inda na minha vida os encontrei:  
 Vir outra da co-lá: Muito gostei  
 Do boléo daquelle homem de capote;  
 Não ficou devoluto hum Camarote,  
 Muita Senhora estava, bizzarria  
 Igual não vi, nem tanta Fidalguia:  
 Outras tão bem hum tanto admiradas,  
 Gabando a boa ordem das Entradas,  
 Inda não vimos lá melhores Danças,  
 Bem destros estavam todos nas mudanças;  
 Bem bonito era o Carro do Parnazo,  
 Com as Ninfas em cima do Pegazo;  
 Grandemente montava o Cavalleiro,  
 Bom figurão fazia no Terreiro,  
 Quando se pôz a pé, no mesmo instante  
 Me fez muitas lembranças do Gigante,  
 O meter do Cavallo em furtapasso,  
 O valente reger daquelle braço,  
 Que bella sorte fez o maganão  
 Naquelle Boi castanho d' um rojão;  
 Os Capinhas tiverão muita graça,  
 Filas inda as não vi de melhor raça,  
 E para Toiros serem bem capazes,  
 Até foi bom o Toiro dos rapazes;  
 E Eu posta n' um canto mui callada,  
 Escutando toda esta palestrada,  
 Sem ter nada ás amigas, que fallar,  
 E todas ellas logo a reparar

Em mim, por não ter nada, que dizer;  
 Mostrando, que taes Toiros não fui ver?  
 Antes quizera ter hum estupor,  
 Que vir a experimentar tal disfavor;  
 Esta pena há de dar cabo de mim,  
 Ai que morro, ai que morro; aqui dou fim,  
 Se não queres, Marido, a minha morte,  
 Cumpre-me este desejo, não te importe,  
 Que o Mundo faça bom, ou máo conceito,  
 Obra, obra esta acção, por meu respeito,  
 Olha que se este gosto me demoras,  
 Não poderei viver mais de trez horas;  
 Tudo isto he verdade, que te fallo,  
 Tem dó, tem dó de mim, se não estallo.

*Marido.* Não te affligas, Mulher, ha tal fadiga,  
 Queres na vezinhança, que se diga,  
 Ouvindo essas lamurias defuzadas,  
 Que te estou maltratando com pancadas?

*Mulher.* Com a força da mágoa não discorro,  
 Se aos Toiros me não levas, hoje morro.

*Marido.* Mais vale que tu morras sendo honrada,  
 Do que vivas ficando abocanhada.

Tens tu mais que dizer? ( Já estou afflicto. ) *d parte.*

*Mulher.* Tudo o que dizer tinha já está dito.

*Marido.* Pois se ás tuas propostas deste fim,

Attende-me tão bem agora a mim: *Levanta-se.*

Suppõe tu, que te faço esta vontade,

Sem objecção da vil mordacidade,

Que vou hum Camarote já alugar-te;

E mais Sege tão bem para levar-te,

E tudo quanto mais te for preciso,

Alli te ponho prompto d' improvizo;

Eis que se põe a Sege á nossa porta,

Já toda a vezinhança fica absorta!

E suppondo que tu he que has de ir nella,

Ninguem se desmarra da janella;

Desces tu para baxo d' espavento,

Eu contigo tão bem com luzimento,

E quando para a Sege a entrar começas,

Vês a Rua cercada de cabeças,

De trezentas e tantas coriozas,  
 E das vidas alheas cobiçozas,  
 As quaes começam todas accenar-te,  
 E a mais abelhuda a perguntar-te:  
 Vai aos Touros meu bein? Dá-me *hum* lugar?  
 Observe tudo lá para contar;  
 E depois da tal ida examinarem,  
 Entrão-nos todas juntas amirarem,  
 Olhando-nos por fórma de revéz,  
 Desde o cume da popa até aos pés;  
 Acabada esta scena logo entrámos  
 Na carruagem, e sem demora vamos  
 Para a nossa função determinada,  
 Ei-la que chega agora a trovoadá:  
 Palmada estou de ver tal bizzarria!  
 Quem aquelle Vestido lhe daria?  
 Poderá ter, que alguém lho emprestasse!  
 Quem havia de haver, que lho fiásse?  
 Parece que foi feito para Ella!  
 Tal vez o alugásse a alguma Adella?  
 Os Brincos certamente não são seus!  
 Nunca lhe vi aquelles camafeos?  
 Indá outra não vi mais mal pregada!  
 Bem mostra, que não he Mulher tratada!  
 Tem hum gallante modo de tocar!  
 Parece-me a cabeça d' um folar?  
 Em Sege certamente nunca andou!  
 Rizo me deo a furia com que entrou;  
 E como hia tão bem desvanecido  
 O cabeça de burro do Marido!  
 Em que parte faria Elle o calote,  
 Para ter hoje Sege, ou Camarote?  
 Não tem vergonha aquelle marotão,  
 Depois de ser hum pobre farrapão,  
 Mil fomes padecendo actualmemente,  
 Querem ter figuráõ entre a mais gente?  
 Sabe Deos, sabe Deos, se os que lá vão,  
 As despezas farião da função!  
 Pois Elle aonde havia d' ir buscállo?  
 Asneira desmarcada he só fallállo?

Certamente vezinhas a meu ver,  
 Por qui anda a magana da Mulher!  
 Que tal, que tal he a honra do Marido?  
 Velhaco, bem merece ser jorzido;  
 Inda não vi maior pouca vergonha,  
 E não lhe hão de deitar nisto peçonha?  
 E depois destas ditas ladainhas,  
 Que andão sempre nas lingoas das gentinhas,  
 Entrão em novas materias d' improviso,  
 Fazendo cada huma o seu juizo,  
 Em coizas, que merecem ser calladas,  
 A cujas ellas estão acostumadas;  
 E mil arengas mais, que não direi,  
 Pois com más lingoas nunca me tratei;  
 E nós sem cauza, dando occasião  
 A esta sua vil murmuração:  
 Mulher, Mulher, o Mundo não quer tal,  
 Muitas vezes o bem, parece mal.

*Mulher.* Ora não nego, que haja essa fallacia,  
 Mas essa só a tem quem tem audacia,  
 Ou gente, que no Mundo não faz vulto,  
 Que não serve d' injúria o seu insulto;  
 Mas ainda sendo gente de bom lote,  
 E que a acção seja digna, que se note,  
 Não se deve fazer d' isso algum cazo,  
 Por que quanto se falla tem seu prazo:  
 Apparece huma grande novidade,  
 Amotina-se toda esta Cidade,  
 Vem outra nova logo apparecendo,  
 Vai-se esta a poucos passos esquecendo;  
 E quando não se espera o seu consumo,  
 Tem feito a ida já, que fez o fumo,  
 E quanto no principio foi fallada,  
 No fim vem tudo a dar, em tudo nada.

*Marido.* Assim he, quero tudo conceder-te,  
 Mas ouve como Eu venho a convencer-te:  
 Bem sei, que a novidade, que apparece,  
 Com a outra, que vem, se desvanece;  
 Mas se a cauza outra vez se patentea,  
 A mesma layareda então se atea;

Por que como se mostra o seu motivo,  
 Faz de todo o passado relativo,  
 E vem a fer na acção de recordada,  
 O mesmo, que outra vez principiada.

*Mulher.* Eu por mim não entendo esse Argumento:

*Marido.* És Mulher, tens mui fraco entendimento:  
 Em fim, Eu sou hum homem mui jucundo,  
 E prever quero as lingoas, que ha no Mundo.

*Mulher.* Tantas lingoas tu queres lhe prezuma?  
 Mundo não ha mais que hum, logo he só huma.

*Marido.* Ah, que como Mulher fallas no ponto!  
 Do Mundo as tuas lingoas não tem conto.

*Mulher.* Muito a tua loucura me magôa!  
 Pois tem mais, que huma lingua huma pessoa?

*Marido.* Tola, Tola, este Mundo he toda a gente.

*Mulher.* Então ha mais d' um Mundo certamente?

*Marido.* Certamente, que ha. *Mulher.* Que Toleirão!

*Marido.* Ora vê como Eu provo esta Questão:  
 Toda a nossa factura d' animado,  
 Comprehende em si hum Mundo abbreviado;  
 Logo se o conto destes he difundo,  
 Segue-se, que no Mundo ha mais d' um Mundo;  
 E se huma lingua só hum deve ter,  
 Sendo tantos, mais lingoas háo de haver:  
 Ora com tantas lingoas a fallar,  
 Quem ha de haver, que Assumpto queira dar?

*Mulher.* Eu não me entendo cá com essas provas,  
 Quero Toiros, e Sege, e Gallas novas;  
 Se não comigo mais não fazes vaza.

*Marido.* Mulher, deixa-te estar em tua Caza;  
 Eu tenho mais que a ti hum bom par d' Annos,  
 Para poder prever melhor os damnos,  
 Observa tudo, em fim, quanto te digo,  
 Que se accazo for erro, erras comigo.

*Mulher.* Errar contigo Eu, faltava esta  
 Para me vir coroar de todo a festa;  
 Homem, tens muita carne no cachaço,  
 Nisto nenhum conceito de ti faço;  
 Calla-te, e vai-me tudo aparelhar.

*Marido.* Inda tenho, Mulher, que ponderar:

Tu agora de mim ficas raivoza,  
 Por que estás n' uma Idade cobiçoza,  
 Porém, lá virá tempo se viveres,  
 Que estimes meus conselhos attenderes,  
 E se Eu tiver accazo já morrido,  
 Dirás: No Ceo esteja meu Marido,  
 Pelo muito que sempre em mim cuidou,  
 E tão prudentemente me educou;  
 Mulher, não te pareça isto rigor,  
 Tudo quanto te digo, he por amor.

*Mulher.* Amor, Amor, gallante Amor he este.  
 Amor, he bom Amor, he huma peste;  
 Com que por serem poucos os meus Annos,  
 He que queres prégar-me defenganos?  
 Vejo por hi mulheres de setenta,  
 Sem nenhuma até agora ser izenta  
 D' andar todos os dias por funções.

*Marido.* Essas, Mulher, terão outras razões.

*Mulher.* He por que estas não tem os dissabores,  
 De cazarem com homens prégadores.

*Marido.* Não nego, que homens ha tão ignorantes,  
 Que nem prestimo tem para missantes.

*Mulher.* Ignorantes não vi quem lho chamásse.

*Marido.* Pois então será gente d' outra classe,  
 Por que se forem cá do nosso loté,  
 Eu te affirmo, que tudo se lhe note.

*Mulher.* Logo só quem tiver vive a seu gosto?

*Marido.* Sim, por que assim o Mundo o tem disposto;  
 Eu não to disse já? És forte traça!

*Mulher.* Cazar pobre, não ha maior desgraça.

*Marido.* Não tomes a pobreza por desdoiro,  
 Que ás vezes vale mais do que hum Thezoiro.

*Mulher.* He gallante Thezoiro na verdade.

*Marido.* Oh se he! Se ouver bem conformidade!

*Mulher.* Porém, Eu não me quero conformar.

*Marido.* Pois quer queiras, quer não, forte apurar!

*Mulher.* Hei de apurar, se o gosto me não fazes.

*Marido.* Calla-te, se comigo queres pazes.

*Mulher.* Quero, mas tão bem quero os Toiros ver.

*Marido.* Não atemes, Mulher, não póde ser;

Bem bastava o que Eu tenho ponderado,  
 Para tal não ser mais imaginado,  
 Mas percidindo ser cauza tão justa,  
 Dize-me, Toleirona, não te affusta  
 A lingua depravada do Tendeiro,  
 A quem devemos nós tanto dinheiro?  
 Por certo, que dirá: Vai á função,  
 Venha cá, que lhe torne a fiar pão,  
 E mais o comestível desta Tenda;  
 Não, quem festas vai ver, he que tem renda:  
 Ora Eu irei o Rol apresentar-lhe,  
 Que o dinheiro protesto de facar-lhe;  
 E vindo-nos fazer huma estralada,  
 Huma Demanda temos já travada,  
 Que saindo a Sentença contra mim,  
 Quazi em dobro pagar hei de por fim:  
 Não te affusta tão bem? Se accazo fores,  
 Que me vêjão na Praça os meus crédores?  
 E que digão com ira mui fatal:  
 Oh! Por onde anda o nosso cabedal!  
 Hum dalli: Á manhã mando citállo:  
 Outro: Pois Eu protesto penhorállo:  
 E com estas censuras de conleo,  
 Huns com outros fazendo o seu rateo,  
 Sem ter mais attenção, nem má, nem boa,  
 A Justiça nos prégão pela proa,  
 Que vindo-nos fazer huma derrama,  
 Nem hum lençol nos deixão para a cama;  
 E por coroa de toda esta agonia,  
 Ir-mos ambos ao caldo á Portaria.

*Mulher.* O caldo, he que tu estás mais sentindo!  
 Muitos homens de bem andão pedindo.

*Marido.* Bem fei, que muitos tem essa indecencia,  
 Mas não lhe prevém desta antecedencia,  
 Pois já mais a comprar ha quem se exponha,  
 Por hum louco appetite huma vergonha.

*Mulher.* Pois tão infauſta sorte havemos ter,  
 Que tudo assim nos venha a succeder?  
 Isso tudo em ti he melanconia,  
 Qu' essa imagem te traz á fantezia,

Que pôde ser, que todo o ponderado;  
Venha a dar em dez reis de mel coado.

*Marido.* Pôde ser, que esta minha reflexão  
Nos venha acontecer, e tão bem não,  
Mas como he contingente o seu obrar,  
Melhor he prevenir, do que emendar.

*Mulher.* Pois Eu direi se nisso se repara,  
Que hoje minha cômadre D. Clara,  
Para os Toiros ir ver me convidou,  
E Eu por agradálla he que lá vou?

*Marido.* Não ha coiza, Mulher, mais odioza,  
Do que he huma desculpa mentiroza,  
Pois quando mais se julga, que se encobre,  
A verdade por crédito a descobre,  
E nada ao Mundo mais provoca a ira,  
Que vestir a verdade da mentira:

Sabe, Mulher, que o Mundo em discorrer,  
Nada accomoda ao nosso parecer;

Quanto mais, como havias preparar-te?

Ainda que Eu quizera facultar-te

Essa asneira, que tens no pensamento?

Que Vestidos tens tu? Que tratamento?

Adereço? Toucado? E compostura?

Havias ir assim nessa figura?

*Mulher.* Faze-me tu, Marido, este gostinho;

Verás huma Mulher como hum brinquinho,

Pois bastantes amigas inda tenho,

Que me sirvão para este desempenho,

Com toda a sêcia, que hoje he mais capaz.

*Marido.* Pedir, bem nescia he aquella, que tal faz.

*Mulher.* Diz-me, com a nescia em que faz liga,

O valer-se huma amiga, d' outra amiga?

*Marido.* A liga que ella faz cá no meu ver,

He dar as suas faltas a saber,

Expondo-se a negarem-lhe o pedido,

E ficando o seu podre conhecido.

*Mulher.* Ora, Marido meu, he boa essa!

Dize, quem ha no Mundo, que não peça?

*Marido.* Eu não nego, que pede a mais da gente,

Mas deve ser em tempo competente,

Pois quem amigas tem de bom prestar,  
 Deve fazer estudo e não as poupar,  
 Para cazos de mais consernação,  
 E não para ir ver huma função;  
 Por que ainda, Mulher, que este appetite,  
 Conforme o teu querer se facilite,  
 As melinas, que os emprestimos facultão,  
 Ellas são as primeiras, que te insultão,  
 Principalmente vendo ser vaidade,  
 O que devia ser necessidade,  
 E tomando esta acção em tom de má,  
 Logo dizem: Tórne Ella para cá;  
 Tornas tu d' uma urgencia motivada,  
 A porta para ti já está fexada;  
 Em fim, Mulher, em tudo nesta vida,  
 Ha de haver conta, pezo, e mais medida.

*Mulher.* Que em tudo tenhas dúvidas, que pôr t  
 Não posso supportar tal disslabor.

*Marido.* Hei de pólas por mais que tu não queiras,  
 Por que tudo, que dizes, são asneiras.

*Mulher.* Eu comtigo já lei não faço vaza,  
 Se não estando metida sempre em Caza.

*Marido.* Sempre em Caza, Mulher, tal não pondero,  
 Antes que te devirtas he que quero;  
 Mas para que ninguem de ti mal diga,  
 Pódes ir vezitar a tua amiga;  
 Noutro dia comigo ir passear;  
 Hum Domingo a huma Quinta merendar;  
 Noutro tão bem ouvir o teu Sermão;  
 Pela Quaresma á tua Porcição;  
 E toda a mais galhofa sem despeza,  
 Nem que aniquille o serio da pobreza.

*Mulher.* Nunca huma rapariga de dois dias  
 Se divertio com effas ginjarias.

*Marido.* Pois estas ginjarias he que Eu quero,  
 E do que for mais d' isto, desespero.

*Mulher.* Pois isso não me mete a mim cobiça.

*Marido.* Ora, Mulher, já basta de derriça;  
 Tomaste por officio amofinar-me?

*Mulher.* Eu bem sei, que o teu gosto he só matar-me:

Coitadinha de mim amargurada,  
Que vivo neste Mundo sem ver nada.

*Marido.* Sabe, Mulher, que se Eu posses tivera;  
Muito mais que ir aos Toiros te fizera;  
Porém, não póde ser, Deos bem o sabe,  
Tudo quanto nas minhas posses cabe.

*Mulher.* Homem, já de te ouvir tenho canceira;  
Não me basta andar feita huma trapeira,  
Sem aninho, nem trato, nua, e crua,  
Encarcerada, sem ver Sol, nem Lua,  
Para ao menos se quer por piedade,  
Fazeres-me esta usica vontade;  
Em meus dias vi homem mais teimozo!

*Marido.* Ah, Mulher! Sabe Deos, quão desgosto  
Eu ando, por viver tão pobremente!  
Quando vejo, Mulher, a muita gente  
Rodar em Carruages estrondozas,  
Com as mulheres muito apparatusas,  
Com Escudeiros, Quintas, Assembléas,  
Sinto gelar-se o sangue pelas veas,  
Que depois dellirando em fernezim,  
Buscando a cauza, he não tratar-te assim!  
Então isto, Mulher, não he amizade?

*Mulher.* Oh! Deos lhe pague tanta caridade!  
Meu Senhor, não me vá contando historias;  
Eu quero ir aos Toiros, palanfrias  
Não satisfazem cá o meu empenho.

*Marido.* Mulher, que nem se quer hum real tenho!

*Mulher.* Pois que fez ao dinheiro, que honte tinha?

*Marido.* Gastei-o no comer, e á Vezinha  
A conta dei algum do que lhe devo.

*Mulher.* Com esse seu governo não me atrevo:  
Tanto gasto não sei aonde ha de ir dar!  
Em fim, se o não tem, vá-mo buscar.

*Marido.* Onde queres, Mulher, que vá buscá-lo?

*Mulher.* Se não tem quem lho empreste, vá furtá-lo:  
Quantos fazem por si muita palhadas,  
Para terem as mulheres e as criadas;  
Pois vá fazer o mesmo tu, e a tua  
Que vosse não he d'...arquia.

*Marido.* Mulher, não julgo, que haja quem tal faça,  
 Mas se accazo algum ha, Deos lhe dê graça  
 Para te separar desse peccado,  
 Que affaz na consciencia he mui pezado.

*Mulher.* Senhor, Eu quero-me hoje ir divertir? *Gritando.*

*Marido.* Não atemes, Mulher, que não has de ir.

*Mulher.* Agora quero ver com arrogancia,  
 Se algum exito tem a minha instancia.

Insolente, Velhaco, Beberão,  
 Ponha-me tudo prompto, ouvio? Se não  
 Com estas duas mãos abençoadas,  
 Lhe hei de essa cara encher de bofetadas;  
 Já não quero soffrer tanta insolencia!

*Marido.* Não me elgotes, Mulher, a paciencia.

*Mulher.* Vá, vá callando a boca só Bandalho,  
 Se não a cara, e corpo lhe retallio.

*Marido.* Mulher, olha, que o homem foccegado,  
 Se fae fóra de si, he monstro irado.

*Mulher.* Bem Monstro certamente, que he vossê!  
 Forte tolla fui Eu, em dar c' o pé  
 A tão bons cazamentos como tive,  
 Para me vir cazar, com quem me prive  
 De ver tudo, que he digno de se ver:  
 Olhe cá, Mariolla, quer saber  
 O calibre dos meus Oppozitores?  
 Quarenta e quatro mil Governadores,  
 Trezentos Capitaes, cem Bachareis,  
 Setecentos e oito mil Coroneis;  
 Nove mil Estrangeiros deppis disto,  
 Trez mil e quinze do Hábito de Christo,  
 Mil Ministros, e trinta homens Filhados,  
 E a somma d' isto tudo de Morgados,  
 Descendentes de Duques, e de Reis.

*Marido.* Sim, Morgados, que custão a trinta reis;  
 Mas Eu cazar não pude hum anno inteiro,  
 Por te não dar a quita hum agoadeiro.

*Mulher.* Calle essa boca, deixe-me fallar,  
 Se não a pontapés o hei de matar;  
 Velhaco, diga ahi, quando sonhou  
 Em ter Mulher tão Nobre como Eu sou?

Mal digo, mais Fidalga do que Nobre,  
Sendo hum Villão ruim, hum Afno, e hum **Pobre.**

*Marido.* Porém, com toda essa Fidalguia,  
Na Taverna teu lãe vinho media.

*Mulher.* Calle-se, já lhe disse, sô Mosino;  
Olhe, a legoa da lóvoa posta a pino,  
E ao pé della a minha illustre Esfera,  
Fica a legoa hum caroço d' uma pera.

*Marido.* Louvado seja Deos! Forte crescer!  
Nã fei como no Mundo has de caber!

*Mulher.* Vosê está chatqueando-me, Magano;  
Oh Cão! Onde estou Eu, que o não esgano? *Avança ao*

*Marido.* Este cazo agora he mais comprido; *Marido.*  
Magana, desfattende a feu Marido!

As minhas mãos a Vida ha de acabar. *Querendo dar-lhe.*

*Mulher.* Marido, tudo em mim foi por brincar. *Que-*

*Marido.* Entendia, que a minha paciencia *rendo fogir.*  
Havia supportar esta insolencia?

Vã-se dispondo já para morrer.

*Com ira.*

*Mulher.* Por vida tua, deixa-me viver.

*Chorando.*

*Marido.* De ser minha Mulher he incapaz.

*Mulher.* Não, que Eu já fei, que o Mundo he mui mordaz.

*Marido.* Pois se de ver o Mundo já está abforta,  
Pela melina razão deve ser morta.

*Mulher.* Certamentê, Marido, Eu me confundo,  
Quando os ólhos espalho pelo Mundo.

*Marido.* Contra mim commetter tal desconcerto!

*Mulher.* Mavido, errar c' o Mundo he grande acerto.

*Marido.* Tyranna, a feu Marido assim se agrava!

*Mulher.* Já fei, que fou peor do que huma escrava.

*Marido.* Agora he que conhece a escravidão,  
Depois de commetter tão vil acção!

*Mulher.* Quero, Marido, já morrer honrada,  
Do que viver ficando abocanhada.

*Marido.* Pois por que está já nisso advertida,  
Agora como honrada perca a vida.

*Mulher.* Homem, tem dó de mim, não obres tal,  
Já fei, que o bem ás vezes sôa mal.

*Marido.* Sem attenção me dar ao que lhe aponto!

*Mulher.* Sim, as línguas do Mundo não tem conto.

*Marido.* Trema, trema de mim, vil, insolente.

*Mulher.* Já fei, que ha mais d' um Mundo certamente.

*Marido.* Despojálla da Vida he o verdadeiro.

*Mulher.* Não, que Eu já temo a lingua do Tendeiro.

*Marido.* Experimente por fim os meus furores.

*Mulher.* Não, por que Eu tão bem temo aos mais crédores.

Não quero já ver Toiros, nem ver festas;

Meu riquinho Marido, attende a estas

Promessas, que te faço, por piedade,

Eu prometto viver com humildade;

Deixa a Vida a quem iras te cauzou,

Que não sabe o que fez na acção, que obrou.

*Marido.* Qual Vida, ha de morrer, e tenho dito,  
Soffrer não quero genio tão maldito!

Agora ha de acabar ás furias minhas.

*Agarra-a.*

*Mulher.* Oh, que ancias! Acudão-me Vezinhas. *Grita.*

*Mulher, Marido, e as duas Vezinhas.*

*Vez. 1.* Ó Vezinho, que he isto? *Mar.* Ande traidora.

*Vezinha 2.* Assim se desfattende a huma Senhora?

*Mulher.* Ai que morro, ai que morro.

*Vezinha 1.* Ha tal fadiga!

*Marido.* Aparte-se de mim fêra Inimiga,  
Já desde hoje não quero vê-la mais.

*Mulher.* Oh que lances mortaes!

*Vezinha 1.* Que cazo he este?

*Marido.* Foi Senhoras o cazo; esta Mulher,  
Cobiçou esta tardê os Toiros ver,  
Disse-lhe Eu: Que leválla não devia,  
Por ser função, que não lhe competia;  
Mil objecções lhe puz, nada attendeo,  
Levei-a com meiguiffe depois Eu,  
Entrou-me loucamente a argumentar,  
Depois tornei-lhe o mesmo a intimar,  
Tornou-me a argumentar muito peor,  
E sem pés, nem cabeça a descompôr,  
A qual bravo Leão, com furia rara,  
Deliberou-se a pôr-me as mãos na cara;  
Eu como vi perdido o meu respeito,

Não quiz tão bem perder o meu direito.

*Veziha* 2. Eu não nego, que foi grande indecencia,  
Porém, Senhor Vezinho, haja prudencia.

*Marido*. A prudencia, Vezinha, nesta acção,  
Não escurece a minha obrigação.

*Veziha* 1. Mas como v. m. já a castigou,  
Ella te emendará do mal, que obrou.

*Marido*. Semilhante Mulher, não quero vê-la.

*Veziha* 2. Ha de as pazes fazer hoje com Ella.

*Marido*. Não se cance, Vezinha, em tal pedir,  
Que he coiza, que não ha de conseguir.

*Veziha* 1. Se accazo não ouver esta aliança,  
O que não dirá essa vezinhança!

V. m. he Christão, juizo tem,  
Pondere o que da qui sempre prevém;  
A Mulher rapariga sem abrigo,  
Vive, Senhor, exposta a grande perigo;  
Ceda por sua vida desta affronta,  
Olhe, que a Deos de tudo ha de dar conta!

*Marido*. Essa porpozição de Christandade,  
Me derime de toda a crueldade;  
Mas saiba, Desattenta, se tornar  
Ellas nefandas mãos a levantar,  
E não viver fogueita ao que Eu quizer,  
Que aqui ás minhas mãos ha de morrer.

*Mulher*. Sim, Senhor, ferei muito obediente.

*Veziha* 2. Oh, os carolos curão muita gente. *d' parte.*

*Veziha* 1. Abraçarem-se agora he que ló resta,  
Para poder trocar-se a pena em festa.

*Veziha* 2. Ella aqui esta. *Chegando-a ao Marido.*

*Marido*. Em fim, tenha entendido, *Abração-se.*  
Que o seu Deos cá na Terra, he seu Marido!

*Mulher*. Sim, Senhor, só a Elle, e mais ninguem.

*Veziha* 1. e 2. Ora seja-lhe muito parabem.

*Marido*. Por esta brincadeira agora entenda  
Toda aquella Mulher, que for cazada,  
Se não quizer, que o homem a desattenda,  
Viva-lhe ás suas Leis sempre ajustada:  
Elle d' Ella a soffrer tão bem aprenda,  
Mas com a jurisdicção, que lhe foi dada,

( 20 )

E se não ábrandar conselho, ou rôgo;  
Quando se embravecer, fogo, e mais fogo.

**F I M.**

**L I S B O A**

Na Officina de Caetano Ferreira da Costa.

*Com Licença da Real Meza Censoria.*

